

A REVOLUÇÃO ELECTRÓNICA:
EFEITOS REVOLUCIONÁRIOS
DOS NOVOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

(1959)

A 3 de Março de 1959, Marshall McLuhan fez uma conferência, em Chicago, perante uma assembleia de mais de mil educadores, patrocinada pela American Association for Higher Education (Associação Americana do Ensino Superior). O tema era «A corrida contra o tempo: novas perspectivas e imperativos para o Ensino Superior» e a conferência de McLuhan intitulava-se: «A revolução electrónica: efeitos revolucionários dos novos meios de comunicação».

*McLuhan tinha nessa altura quarenta e nove anos e já publicara *The Mechanical Bride: Folklore of Industrial Man* (1951), uma incisiva dissecação das técnicas manipulativas da indústria publicitária. Por volta de 1959, tinha-se tornado conhecido nos meios académicos, e também para além deles, como um pensador pioneiro dos meios de comunicação de massas.*

Nesta conferência, fala como educador para um público de educadores: «Logo que se começaram a sentir os efeitos da revolução electrónica... todos fomos deslocados, vivendo num mundo que já pouco tem a ver com aquele em que crescemos.» A revolução electrónica da televisão fez com que o professor deixasse de transmitir informação para proporcionar compreensão, passando o aluno de consumidor a co-professor, dado que já absorveu uma grande quantidade de informação fora da sala de aula.

Hoje, na era pós-mecânica, está-se na mesma situação dos interessados por cavalos, que se depararam com o automóvel. Para eles, a característica mais notável do automóvel era ser uma carruagem sem cavalos. De igual modo, a rádio surgiu como telefonia sem fios, para os que se tinham acostumado ao milagre do telégrafo. Para os que têm inclinação para máquinas, a automação provoca receio, por ser uma forma extrema de mecanização; mas como diz Peter F. Drucker no seu livro *Landmarks of Tomorrow* a automação «é apenas uma palavra particularmente feia para descrever uma nova perspectiva do processo de produção material, como configuração e entidade real»¹.

Logo que se começaram a sentir os efeitos da revolução electrónica, que apresentava uma nova configuração, todos fomos deslocados, vivendo num mundo que já pouco tem a ver com aquele em que crescemos. Muitos dos que aqui estão ainda se recordarão dos tempos em que as crianças empurravam arcos nos passeios e nas estradas. Há agora muitos mais arcos do que então, mas as crianças já não brincam com eles. As crianças de hoje vivem num espaço cuja configuração é muito diferente da de há trinta anos. Em vez de serem atraídas pelo espaço exterior, concebido de modo linear, gravitam, como num *ballet*, em torno do seu próprio espaço. Vivendo, por exemplo, com a imagética electrónica em que a imagem mais do que iluminada *pela* luz existe *através* dela (uma diferença essencial entre a televisão e o cinema), as crianças reagem a esse mundo, através de novas configurações sensoriais e de novas atitudes.

Os educadores pensam, naturalmente, que a sua função é manter a instituição educativa tradicional, preservar e desenvolver os valores há muito associados com as práticas educativas. O que significa agora, por exemplo, que se vai insistir com o Joãozinho para que adquira a arte da leitura, quanto mais não seja porque a imprensa é a matriz do método de produção industrial do Ocidente e ensina os hábitos bem como as concepções de consumidor. A imprensa ensina o hábito de análise sequencial e a fragmentação de todo o movimento em unidades estáticas. Ensina também hábitos de privacidade, de autoconfiança e de iniciativa. Proporciona, ainda, um vasto panorama visual dos recursos da língua materna, que os povos pré-letrados só conhecem de ouvido. De facto, a imprensa não é apenas um modo de aceder à cultura e à tecnologia, mas também, a nossa própria cultura e tecnologia. É por isso que na era electrónica se está ameaçado por novos meios de comunicação flexíveis e em rápida

evolução — enquanto se permanece sentado numa Linha Maginot* e acreditando na importância dessa posição.

Obviamente que o Joãozinho tem de aprender a ler. Tem de acompanhar as linhas da palavra impressa. Tem de girar esse arco no passeio. Girar os olhos de modo linear e sequencial. Para o conseguir, basta apenas enxertar a velha preferência pela mão direita na preferência actual pelo lado esquerdo. Mas, entretanto, a atenção do Joãozinho perdeu-se, poderá submeter-se, mas estará com certeza muito confuso.

A longo prazo, o meio é a mensagem. Por isso, quando, por acção de um grupo, a sociedade desenvolve um novo meio de comunicação como a imprensa, o telégrafo, a fotografia ou a rádio, conquista o direito de expressar uma nova mensagem. E quando se diz aos jovens que essa nova mensagem constitui uma ameaça à velha mensagem ou meio de comunicação, está-se-lhes a comunicar que tudo o que se procura realizar na conjugação da vida social e técnica, representa a negação de tudo o que lhes é querido. Os jovens só podem tirar a conclusão de que se trata de uma brincadeira. É o que significa a sua diminuição de atenção.

Declarei que, a longo prazo, o meio é a mensagem. Uma afirmação que é fácil de explicar e confirmar historicamente. A imprensa fez, simplesmente, desaparecer as modalidades dominantes de educação oral, que tinham sido forjadas no mundo greco-romano e transmitidas, juntamente com o alfabeto fonético e o manuscrito, ao período medieval. O padrão que tinha 2500 anos acabou em poucas décadas. Hoje, o reino da imprensa terminou e a oligarquia dos novos meios de comunicação usurpou grande parte do poder desse império com quinhentos anos. Cada membro dessa oligarquia possui tanto poder e capacidade de mensagem como a própria imprensa. Considero que, se houver a pretensão de garantir uma ordem constitucional e um equilíbrio entre esses novos oligarcas, ter-se-ão de estudar as suas configurações, psicodinâmicas e mensagens a longo prazo. Tratá-los (aos recursos audiovisuais) como humildes servos das convenções estabelecidas será tão nefasto como usar um aparelho de raios X para aquecer o ambiente. O mundo ocidental já cometeu anteriormente este tipo de erro. Mas agora, com o desmoronar do Leste, isto é, com o reconhecimento que não se pode edificar uma sociedade viável a não ser à maneira ocidental, seria muito negativo permitir que os novos

* Fortificação da II Guerra Mundial, concebida por André Maginot, e construída ao longo da fronteira entre a França e a Alemanha. Considerada praticamente inexpugnável, foi atravessada pelos exércitos alemães, que invadiram a França pela Bélgica, contornando essa linha. (N. T.)

meios liquidassem os velhos. A mensagem e a forma da informação eletrônica têm como padrão a simultaneidade. O que é então indicado, atualmente, não é uma sequência de meios e práticas educativas, como se fosse uma sucessão de campeões de boxe, mas a sua coexistência baseada na compreensão das potencialidades e das mensagens inerentes a cada uma destas configurações únicas.

No seu livro sobre *Film as Art* o psicólogo Rudolph Arnheim escreveu: «A história do engenho humano demonstra que quase todas as inovações passam por uma fase preliminar em que a solução é conseguida através do velho método, modificado ou ampliado por um novo aspecto.»²

Nos últimos trinta anos, todas as disciplinas tradicionais das artes e das ciências passaram do padrão da causa linear para o da configuração, o que é particularmente evidente na área da biologia. No entanto, os métodos usados para chegar à configuração são ainda os velhos métodos cartesianos da mecânica clássica, aplicados ao estudo dos organismos vivos. E os conceitos de configuração, como o de *stress* ou ecologia do metabolismo e de síndrome são essencialmente termos estéticos.

À medida que se sai da era do mecanismo e das formas de análise de sucessão linear e se entra no mundo da simultaneidade, é, não só, possível penetrar no mundo do artista, como também assistir ao desaparecimento das velhas oposições entre arte e natureza, negócio e cultura, escola e sociedade. Na realidade, não interessa para que fase da cultura se olha agora. O hábito da visão simultânea de todas as fases do processo é o que caracteriza, no terreno, a compreensão articulada.

Assim, a circulação da informação por meios tecnológicos constitui hoje, de longe, a maior das indústrias. Só a Companhia de Telégrafos e Telefones Americana já excede largamente a capitalização da General Motors. Quer isto dizer, que o principal negócio do nosso tempo é a produção e o consumo de informação. A cultura suplantou o comércio. No próprio domínio da indústria, o crescimento de aulas para trabalhadores e para gestores movimenta um orçamento, pelo menos, três vezes superior ao de \$16 mil milhões dedicados à educação formal, na América do Norte. E também na investigação as tendências e as proporções são semelhantes.

A circulação da informação que se estende, nas vinte e quatro horas do dia, a todo o mundo é agora uma questão de configuração instantânea. Para tomar decisões, tanto nos negócios, como na educação ou na diplomacia, é agora necessário captar estas configurações, que têm uma linguagem e uma sintaxe próprias, tal como a iconologia das imagens publicitárias. Por isso, faz hoje parte da educação, não só ensinar estas no-

vas linguagens, mas também o modo como as anteriores configurações da cultura podem ser enriquecidas por estas novas potencialidades e não, meramente, dissolver-se nelas. Há uma definição clássica de ciência elaborada pela Académie Française após a morte de Descartes: «O conhecimento certo e evidente das coisas pelas suas causas.» Para poder sobreviver é aconselhável compreender, antecipadamente, não os efeitos, mas as causas inerentes aos meios de comunicação electrónicos, em todas as suas configurações culturais, para escolher, com toda a consciência, as estratégias mais adequadas para a educação.

O eminente antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss na sua análise do «The Structural Study of Myth» expõe uma compreensão configuracional típica: «Definimos mito como abrangendo todas as suas versões [...] por conseguinte, não só Sófocles, mas também o próprio Freud, devem ser incluídos entre as versões escritas do mito de Édipo a par de outras, mais antigas ou aparentemente mais ‘autênticas’.»³

A visão de Lévi-Strauss, que é característica das artes e das ciências actuais, aplicada ao estudo dos meios de comunicação na educação, significa que se tem de os considerar como estruturas míticas, como codificações massivas da experiência grupal e da realidade social. E tal como a imprensa alterou profundamente a estrutura do alfabeto fonético e reorganizou os processos educacionais no mundo ocidental, também o telégrafo remodelou a imprensa, o mesmo acontecendo com o cinema, a rádio e a televisão. Estas mudanças estruturais no mito dos meios de comunicação coexistem no seio de um modelo ainda vivo do processo de ensino e de aprendizagem. As mudanças de configuração desta estrutura massiva alteram, inevitavelmente, as tendências da vista e do ouvido e da forma de sentir de cada um, predispondo para preferir ora um padrão, ora outro. Hoje, por via dos meios electrónicos, a coexistência de culturas e de todas as fases do processo de evolução dos meios de comunicação proporciona, pela primeira vez, à humanidade, a ocasião de se libertar da escravidão sensorial para com determinados meios em fases especializadas do seu desenvolvimento.

O que Harold Innis chamou com propriedade *The Bias of Communication* aplica-se não só às formas escolhidas para codificar a informação, mas também aos efeitos causais da pedra, do papiro e da imprensa na mudança de estruturas de tomada de decisão.

Mr. Parkinson brindou-nos há pouco com uma análise da decisão burocrática, tal como se processa na modalidade escrita da síndrome do memorando. Após algumas décadas do padrão da informação electrónica, as formas escritas de circulação da informação começam a parecer